

# RIBALTAS E GAMBIARRAS

## REVISTA SEMANAL

REDACTOR  
*DELFIN DE NORONHA*

1.<sup>a</sup> SERIE

LISBOA 12 DE FEVEREIRO DE 1881

NUMERO 7

GERENTE  
*HENRIQUE ZEFERINO*

### CHRONICA ALEGRE

Lisboa está saindo inteiramente das tradições rotineiras que a assignalavam entre as cidades que mais dormem e menos vivem.

Os seus salões, esses poucos que ella possuia, para não perder completamente os foros e regalias inherentes a uma cabeça de comarca que domicilia uma corte, com o seu respectivo throno, manto e sceptro, salões que se pareciam com os pequeninos cofres de sandalo, estofados de setim azul, perfumados de benjoim, que os leões da Hâvaneza, de risca apartada ao meio e bigode encalamistrado, oferecem gentilmente ás formosas mundanas de olhar velludoso e labios escarlates e humidos como um morango maduro, e que elles conservam preciosamente e hermeticamente fechados, não perturbando já mais o sagrado mysterio da poeira veneravel que dorme no fundo molle do setim capitonado... a não ser quando resolvem mandal-os para o prego. Os salões, sacudiram o pó, correram os reposteiros e receberam de braços abertos, com muitas luzes e outras tantas flores, essa boa rapariga vaporosa e fascinadora que se chama *Walsa*.

Pela mais singular e divertida das antitheses, á mesma hora e na mesma occasião em que a parisiense resolveu sacrificar Straus (o Straus musico, nada de enganos...), em holocausto ao Vaticano, deliberando transferir o capital que costumava ser absorvido pelos bailes e correlativamente pela modista, pelo cabeleireiro e outras industrias identicas que florescem, á sombra do *cotillon*, a compra humanitaria de uma alcatifa destinada a amaciar o chão aspero e pedregoso do exilio, ao longo do qual caminharam lugubremnte os padres e as irmãs de caridade; — positivamente á mesma hora, a lisbonense, não sentindo a suggestão heroica e a abnegação indispensavel para renegar os seus jubilos choregraphicos a beneficio das suas predilecções devotas, abandona-se ao turbilhão da walsa que a envolve nas suas espiraes luminosas, e em vez de chorar lagrimas quentes sobre a expulsão dos jesuítas, engole gelados de baunilha.

Os bailes teem, além de tudo, uma transcendente significação... para os nossos estomagos.

Se não fossem elles, a céa, o ideal da alimentação, o repasto elegante, a unica hora em que o appetite em vez de ser um instinto era uma sensação, parecendo brotar dos copos e dos pratos uma alegria franca e comunicativa, que não se parecia de nenhuma forma com a alegria somolenta do almoço ou com o jubilo ceremonioso do jantar, deixaria de existir. Sim, se não fosse o baile a céa desapareceria completamente da face da terra.

A Revolução que aboliu todos os privilegios fidalgos aniquilou barbaramente a aristocracia do garfo: a mesma inexorável democracia que condenou as casacas bordadas e os pergaminhos poeirentos, suprimiu as céas pantagruelicas, abundantes de finas iguarias e de vinhos exquisitos.

Foi então que John Bull, aproveitando, como velha raposa maestre, o ensejo opportuno, inundou-nos de fracs, de bifecks e de batatas.

Os jantares opulentos, as ceias faustosas que absorviam fortunas e faziam a reputação de um cozinheiro, deixaram de ser um facto e passaram a ser uma tradição inverosímil.

Os célebres versos de Casimiro Delavigne :

*Tout se fait en dinant dans le siècle où nous sommes,  
Et c'est par les dîners qu'on gouverne les hommes.*

não teem hoje a menor significação.

A influencia dos estomagos nos espíritos, realizada por meio de uma alimentação escolhida, sabiamente administrada, em que a qualidade subordina a quantidade, descura-a totalmente o homem

moderno que fez da celeridade, que amplia as horas e do positivismo que afugenta o devaneio, as duas grandes molas da sua existencia.

A gastronomia deixou pois de ser uma arte desde que a collocaram unicamente ao serviço de uma necessidade material.

A fama dos banquetes homéricos que descobriam gloriosamente, de cada vez que as taças espumavam o falerno balsamico, uma nova iguaria, como Colombo descobriu a America, dorme hoje na mesma penumbra onde se esfumam os contos de fadas que embalaram a nossa infancia.

Champfort dizia uma vez alludindo de Reynière, um usurario que devorava juros escandalosos em troca dos opiparos jantares devorados pelos seus convidados : «*On mange la Reynière, mais on ne le digère pas.*»

Quem comprehenderia hoje esta phrase sugerida pelo estomago e sublinhada pela *verve gauleza* ?

Oh ! Brillat-Savarin, decididamente tu foste o ultimo gastronomo.

\* \* \*  
AO «SECULO»

Resentido, não, collega, triste, triste é que foi !

Para o *Seculo*, periodico, acreedito de boa sombra que *Elle* seja o primeiro deputado portuguez.

Como affirmation subjectiva não contesto, por isso que respeito todas as convicções: como imposição collectiva... limito-me a responder, *sans rancune*, com um sorriso descrente que não exclue um *shake-hands* de boa e leal camaradagem.

*C'est selon...*

DELPHIM DE NORONHA.

### QUESTÃO LITTERARIA

O sr. Camillo Castello Branco  
e a «Corja»

Desinfectada a grandes doses de cal virgem das immundices que a estrumam, e pelas quaes o sr. Camillo tem uma predilecção de certo faminto, a sua replica ao nosso segundo artigo acerca da *Corja* revela este profundo abaixamento mental e esta extraordinaria depressão moral :

Que a escola realista tem por caracteristica diferencial a descrição do nu, o gosto pelo escândalo, o amor pelas indecenças, e que s. ex.<sup>a</sup>, o grande romancista, faz romances tais como lh'os pede a ignorância do público ou a perversão moral da multidão, de modo que se o público amanhã tiver o depravado capricho de pedir ao sr. Camillo que se mostre despido n'um circo, s. ex.<sup>a</sup> accede requebrado e dengoso aos desejos do público e apresenta-se em pello, a troco de alguns vintens, a fazer na arena sortes de funambulo !

Diz mais o grande homem que o seu livro *Scenas da Foz* é um estudo realista, que a *Filha do Arcebispo* é um romance realista, que é um romance realista o *Eusebio Macario* e que a *Corja* é ainda outro romance realista !

Francamente, é preciso ter uma grandissima confiança na ignorância do público para exhibir publicamente tais parvozes. É preciso contar demasiadamente com a penuria ou com a benevolencia da critica nacional para ousar confrontar uns insignificantes episódios burlescos e obscenos de novellas aphrodisiacas, feitas no intuito artístico de manusear estylo fradesco e na intenção commercial de ex-

plorar o escandalo, com trabalhos de primeira ordem com os romances do sr. Eça de Queiroz e Bento Moreno!

Se precisassemos de uma demonstração completa da absoluta falta de comprehensão que o sr. Camillo tem dos intuiitos e dos processos da escola realista, não a poderíamos encontrar mais cabal e mais frisante do que esta.

O sr. Camillo entende que o que caracteriza o *Primo Basilio*, por exemplo, como romance realista, são as scenas do *Paraíso*!

O grande homem e o grande critico tem sobre este ponto capital de estheticá moderna justamente a opinião de qualquer major reformado amigo do trono e da Carta, ou de qualquer correspondente provinciano da *Nação*!

O grande genio ainda não chegou a perceber que Bento Moreno, por exemplo, que tem do realismo uma comprehensão muito mais consciente e scientifica do que o proprio sr. Eça de Queiroz, não apresenta nos seus romances uma unica scena escabrosa, o que o não inhibe de ser um escriptor realista; que os romances de Alphonse Daudet são neste ponto de uma conveniencia perfeitamente burgueza, e no entanto que Alphonse Daudet é um distinctissimo moralista, como Zola, que, ao contrario d'elle, tem pela descrição do nu, como o sr. Eça de Queiroz, uma predilecção viciosa e indisciplinada.

Para o grande Balzac minhoto, realismo é synonimo de obscenidade! Para o *deus* de S. Miguel de Seide a arte realista é uma especie de agencia de lupanares, uma pandega dominguera de caixeiros estroinhas, uma *borga* nocturna de arruaceiros embriagados, uma rusga de marialvas em bairro de toleradas, um *deboche* infernal emfim.

Este ponto de vista do grande homem é de uma lucidez sidereal. De modo que se o sr. Eça de Queiroz se esquece de nos dar no *Primo Basilio* as scenas do *Paraíso* e no *Crime do padre Amaro* as peripecias da casa do simeiro, era ainda a esta hora um escriptor romantico como o sr. Alberto Pimentel. E assim, perante tão levantada critica, o auctor do *Amor divino* e dos *Noivos*, o mais disciplinado realista da moderna geração de escriptores portuguezes, não passa de um romancista lyrico e sentimental como a sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torresão.

Perante taes provas de comprehensão philosophica da nova evolução da arte contemporanea nós somos forçados a dizer ao grande homem simplesmente e irreverentemente uma cousa e é, que não percebe nada d'isto.

É que não só não percebe, mas que está radicalmente impossibilitado de perceber.

Sim, sapientissimo recta-pronuncia, vós comprehendéis tanto o que seja arte realista, como eu comprehendo n'este momento o que seja um habitante da lúa! Vós entendéis tanto da arte moderna, da grande arte que leva de vencida o exhausto convencionalismo romantico pela eliminação systematica de toda a velha metaphisica espiritualista, pela subordinação disciplinada e consciente dos seus intuiitos e dos seus processos ás conclusões positivas da sciencia contemporanea, como entendéis dos purismos de Euclides.

Este sabio de velhas frioleiras monasticas, não alcança penetrar esta idéa tão simples quanto justa de critica contemporanea: que o realismo é o positivismo na arte; que tanto esta elementar noção de critica é verdadeira, que os dois grupos em que se divide a escola realista, tão brillantemente representados no romance em Portugal um pelo sr. Eça de Queiroz outro por Bento Moreno, correspondem justamente ás duas escolas principaes em que se divide aquella philosophia, o evolutionismo de Spenser e o positivismo de Littré; que entre as duas escolas de philosophia, como entre os dois grupos litterarios, a diferença consiste apenas na questão da classificação das sciencias que a escola de Littré aceita tal como a formulou A. Comte e que Spenser impugna propondo uma classificação diversa; que esta diferença no entanto é importante, pois que diz respeito principalmente ao lugar que a psychologia deve ocupar naquella classificação, defendendo Spenser o principio de que a psychologia é uma sciencia abstracta independente, posto que baseada nos conhecimentos das sciencias anteriores, e opinando toda a escola franceza de Comte por que tal independencia não existe e que a psychologia não passa da physiologia dos centros nervosos, á qual dão por isso o nome de psycho-physiologia. É este ponto capital de doutrina philosophica que separa os processos litterarios do

sr. Eça de Queiroz, realista, dos de Bento Moreno, tambem realista. O sr. Eça de Queiroz affirma-se nos seus trabalhos como evolutionista da escola de Spenser, Bento Moreno como positivista da escola de Littré.

Nós já escrevemos desenvolvidamente isto em alguma parte e não estamos para nos repetirmos indefinidamente, mesmo por que não vale a pena. O sr. Camillo, que é lido em chronicas de frades imbecis e em genealogias fidalgas de chronistas seraphicos, mette o positivismo a ridiculo e desdenha da sciencia contemporanea com a mesma semceremonia com que já chamou *tonto* a Michelet. Ha selvagens que se entrem a apedrejar o sol e não consta que o sol se amofine muito com isso. Quasi pois se pode afirmar que nem o positivismo nem a sciencia contemporanea se hão de magoar com as pedradas do sr. Camillo, um sabio que até já escreveu uma *Vida de Jesus*, no sanguinario propósito de exterminar Renan! É medonho, este Camillo! Accomoda-te, leão!

Agora este tyranno concebeu de algum mafarrico incubo a damnada intenção de nos aniquilar a nós, um pigmeu, e decididamente nos pulverisa.

O que o fez rabear de furor foi dizermos-lhe que lhe faltavam *sugestões moraes* para ser um romancista moderno, na elevada accepção do termo. Fomos com effeito crueis.

Não se falla na corda ao condenado á forca. O que principalmente falta e sempre faltou ao sr. Camillo são effectivamente as taes *sugestões moraes*, que elle assegura não valerem um caracol. É conforme. Ha escriptores que fazem das *sugestões moraes* não só a base de toda a obra d'arte, mas até a norma de toda a vida practica; ha outros que se riem d'ellas. São coisas.

Parece receiar que eu desça a atacal-o na sua vida privada. Seria talvez esse um acto de justica da nossa parte, se confiassemos suficientemente na robustez do nosso estomago para nos empenharmos sem vomitos n'uma empreza tão repugnante. Esteja descansado que tem na propria baixeza sufficientes garantias de inviolabilidade. Depois ameaça de nos escarrar e falla em apito. Engula lá mais essa porcaria, como tem engolido todas aquellas com que tem intentado emporelhar muita gente honesta. Em quanto ao apito aconselhamos-lhe que não faça uso d'elle, por que se a policia accudir pode lembrar-se de ajustar consigo velhas contas em aberto.

O sr. Camillo Castello Branco tem na polemica litteraria a tactica velha e conhecida de descambiar immediatamente para a aggressão insultante, convertendo a discussão desde logo n'um conflito de personnalidades, o que demonstra da parte de sua ex.<sup>a</sup> duas cousas, ambas pouco abonatorias da elevação do seu espirito: uma completa ausência de boa educação e uma deploravel inopia de justica. Nós furtamo-nos hoje abertamente a essa tactica e pomos aqui ponto ás aggressões pessoaes, por duas razões: a primeira porque não tomamos a serio as fanfarronadas de valentão tantas vezes desmentidas do sr. Camillo; a segunda por que temos a suficiente consciencia do nosso valor moral para o julgarmos inteiramente a coberto das tropegas investidas de sua ex.<sup>a</sup> Os seus insultos terão para nós a vantagem de nos accrescentarem esse valor moral e nunca para si o prazer de nol-o diminuirem.

Esbreveje por isso á sua vontade que não nos affastará uma linha do propósito formado de apontarmos ao bom senso do paiz a sua ultima phase litteraria como uma decadencia deploravel e sobre deploravel repugnante, por que tem muito de intencionalmente mercantil.

Que grite ou que não grite, que perneie ou que esteja quieto, é-nos inteiramente indiferente. Não precisamos de anesthesicos para o operar. E havemos de operal-o sempre que isso nos approuver, porque um escriptor pertence ao publico e eu faço parte d'esse publico. É um dos espinhos da coroa de immortalidade que cinge a fronte dos grandes homens. Estes, em compensação, podem entregar-se ao prazer inseticida de nos catarem as incorrecções typographicas. Entretenha-se v. ex.<sup>a</sup> n'esse ingrato labor, que será essa a unica utilidade real que eu tire d'esta polemica, enquanto eu o exponho como um velho urso hydrophobo, mas agramado ao riso das pessoas sensatas. Se as minhas incorrecções orthographicas forem taes que v. ex.<sup>a</sup> não consiga perceber-me, avise que eu me explicarei melhor.

Apesar de a sabermos não catalogada nos dicionarios de medicina — sim, nós conseguiramos subir a este acume da sciencia —

pedimos licença ao poço de sabedoria de S. Miguel de Seide, para continuarmos a empregar a palavra *cachectismo*, com que designamos o gênero de imbecilidade mental peculiar da *cachezia*. Não conhecemos termo que designe esta espécie morbida, e como temos em sua ex.<sup>a</sup> um bem definido exemplar da espécie, propomos o termo.

Figueira da Foz, 3 de fevereiro de 1881.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

## A CORJA E O SR. CONCEIÇÃO

O cabedal de asneiras (*voilà le fin mot*) do sr. Conceição é já crescido, e o do calão malandro também não é pequeno; mas ainda assim não me parece que se haja, até aqui, excedido a si próprio. Por em quanto não lhe direi o *quousque tandem* do facundo Catilina, porque não tenho notícia da sua latinidade, nem s. ex.<sup>a</sup> me parece digno das coleras romanas. Elle, desde que envergou a libré de positivista, é obrigado pela horda a grosserias que imprimeem carácter e lhe são o rotulo da bandeira hasteada pelos mestres.

Neste canto do occidente não se imagina que podridões fermentam lá fóra da seita positivista que em Portugal superou, em Theophilo, em Conceição e poucos mais furunculos anonymos, a tresandarem á volta d'um bom talento, Julio de Mattos que voeja entre as nebulosas sideraes em busca da verdade intangivel; e, quando cuida que o positivismo científico lhe dá treguas consoladoras, sente a vacuidade insondável do positivismo religioso.

A petulante aggressão a vivos e mortos veiu exemplificada de França. O pontífice d'esta egreja, Augusto Comte, morreu em setembro de 1857. Dous mezes depois, a sua viúva dava um libello contra o marido defunto, accusando-o de mentecapto, ateu e devasso. Littré, o discípulo dilecto de Comte, abundava no libello da viúva, e asseverava que o mestre effectivamente era mentecapto, ateu e devasso. O advogado da autora, mais ou menos positivista, dizia que Augusto Comte possuía para os usos da sua liturgia religiosa, tres anjos: mad. de Vaux, a cosinheira e a mãe. André Poey, outro positivista de massa e mona, ainda em 1879, escrevia um livro para demonstrar que Littré, o difamador de Comte, é um biltre, de mais a mais um rhetorico; e declara que se o outro lhe reguinha, diz o resto. Aqui está um specimen da escola dos apostolos da religião natural, um caso bonito de amor conjugal entre os missionarios do altruismo. São estes os que nos inculcam o seu *humanitarismo* triumphal sobre o christianismo agonisante.

Esta iracundia philosophica do sr. Conceição explica-se: é que os cathecumenos seródios, tanto das religiões como das philosophias, são sempre exaltados e carnifeces. Abraza-os uma actividade furiosa de propaganda, quando se erguem da visão que os derrubou na estrada de Damasco. Não vá o sr. Conceição cuidar que o adjetivo *supra serodio* é chamar-lhe velho. Se eu (vá de hypothese) lhe chamasse velho no vígo dos seus 40 annos, devia ser com um propósito lisongeiro, aplicando-lhe este *sloca* dos Livros sagrados de MANU: «O velho ignorante é uma creança, e a creança instruída é um velho». Já vê a delicadeza toda oriental do intuito — chamar-lhe velho por s. ex.<sup>a</sup> ser um menino esperto, instruído.

Diz elle que eu *metto o positivismo a ridiculo*. Não sou eu: são os academicos, os professores das Faculdades, os democratas, os socialistas, os collectivistas, os jornalistas e os racionalistas franceses. Assim o affirma o mais intransigente proselyte de Comte: *Mais à nous, les positivistes, à nous qui suivons Auguste Comte jusque dans ses dernières conceptions, la tâche est rendue particulièrement difficile. Les uns traitent nos croyances de folies, d'autres, les plus tolerants, d'excentricités, de songes creux, d'hallucinations, à tous, nous n'inspirons que dédain ou pitié. Académiciens, professeurs de Facultés, démocrates, socialistes, collectivistes, journalistes et libres-penseurs font chorus contre nous.*

E, depois, com um desalento que faz dó: «Desenganem-se, que os positivistas não são parvos: sabem conscientiosamente o que fazem e o que dizem: «*Qu'on se détrompe, les positivistes ne sont point des niaus; ils ont parfaitement conscience de leurs actes et de leurs dires.* (M. LITTRÉ ET AUGUSTE COMTE par ANDRÉ POEY).

A troça que afflige este positivista é contagiosa. O sorriso portuguez não acha no sr. Conceição motivos para seriedade. Muito ridiculo. Como representante de versedadura lyrica, tolera-se: é banal, mas correcto; e até admiravel em alguns poemetas. Como philosophe alagartado de rapsodias, de plagiatos incruados, de burundangas em vasconso, o sr. Conceição é uma trivialidade charra que vai passando e fazendo bulha como os encurros. Se s. ex.<sup>a</sup> soubesse o que finge saber, tolejava menos. Isto parece de Calino, mas é do gonomico Publius Syrus: *Sepe minus pecces, si scias quod nescias.* Sofra este arrôto fradesco, com paciencia e com um *Magnum Lexicon* nas unhas.

Elle cá torna com a sugidate das minhas novellas. Cá o tenho outra vez *Conceição Immaculada*, purpureado como um noviço arrabido. A fina flor da sua pudicicia retraiu-se de novo como a sensitiva tocada por dedo lubrico. Voltemos ao *trocadilho*, como elle disse. Mas, o sr. Conceição não tem orientação científica bastante que o norteie na linha recta do *trocadilho*. Eu, se quizesse fazer um trocadilho do nome do sr. Alexandre da Conceição, dizia: *a sr.<sup>a</sup> Conceição do Alexandre*. Perceben? Aqui, sim, havia troca; mas, no caso questionado, a coisa rhetoricamente chama-se *antonomasia*. Seneca, o *Philosopho*, Platão, o *Divino*, Scoto, o *Subtil*, Santo Antonio, o *Thaumaturgo*, Conceição, o *Immaculada*. Vê?

Mas, se quer continuar a merecer a antonomasia e estes assagos semanaes, não minta. Eu não escrevi alguma *Vida de Jesus*. Escrevi uns artigos intitulados *Divindade de Jesus*, annos antes que Renan publicasse o seu livro. D'esse escripto nunca poderei engronhar-me; e d'este aviltante recontro com o sr. Conceição hei de final pedir desculpa ás galerias. Não diga que eu *rabeio* (argot de tarimba) porque me negou suggestoens moraes. O que s. ex.<sup>a</sup> me não concedeu foi *suggestoens philosophicas*. Estas, as philosophicas, e mais o sr. Conceição, *par-dessus le marché*, é que não valem um caracol. É um trapalhão *hors de ligne*.

Por duas vezes classificou de *aphrodisiacos* os meus romances. Isto é tão certo que já se vende a *Corja* nas pharmacias. Temos visto receitas assim formuladas:

<i>Récipe: pastilhas de ambar cinzento e almiscar.....</i>	12
<i>Capitulos da Corja.....</i>	3

### Mixture

Diversos velhos e até diversas velhas não são estranhos a esta evolução therapeutica, preferindo-a ás carnes salgadas, ás tubaras e aos mingáus. A mostarda e o alho cederam as suas essencias irritantes aos requebros da *Paschuela* e do *Fistula*. Calvos anciãos imprudentes, com a segunda leitura da *Corja*, morreram da morte do poeta Lucrecio, como se tivessem bebido os philtros de Lucilia. Famílias abstemias e castas, tendo lido a *Corja* antes de ceia, foram para a mesa e começaram a fazer visagens e tregeitos lascivos como se estivessem nas orgias de Trimaleião. Homens mansos, de compleição glacial, que apenas conheciam algumas trovas mais chilras das *Alvoradas*, desataram-se em dythirambos de Petronio, pessegando beijos causticos nas espaduas das parentas. As devassidões mysteriosas da deusa Bona e do relaxado deus de Lampsaca tornaram-se os saráos regulares dos burguezes desde que os meus romances, afugentando a bisca, se instillaram no seio das famílias como as gotas do Cagliostro e as modernas perolas de Jenkins.—Uma desgraça indecente que poderá remediar-se ainda, se os artigos do sr. Conceição e algumas immersões refrigerantes em decocto de frescas malvas conseguirem repôr as pessoas e as coisas no *statu quo*.

No entanto, irei protestando contra a iniquidade d'este romantico renegado, romantico de 1863, esta creança loira que faz dos meus cabellos brancos o seu triumpho. Eu não o malsinaria de lyrico incorrigivel. Pode-se até detestar o romantismo como o americano Hoffman, e dadas certas condições de lua e de brizas, não reagir, como elle, aos pulos d'um coração sensivel. Isso acontece a todo vate e a todo mercieiro dotado d'aquelle viscera óca. Ha choques de que rebentam os mágos versos e outras

### Evoluções de eroticha milícia,

como dizia ha 80 annos o Alfeno Cynthio. E o eu positivo de 1881, quando mal se precata, é escoueado pelo ignaro eu romantico de

1863, porque os 2 eus são tão antigos que já frei Heitor Pinto, há 300 anos, se queixava de um pelas tolices que o obrigava a fazer o outro.

Mas, dizia eu da iniquidade. Segundo elle, quem ultraja a escola realista sou eu; e lá se dispensem n'umas engoiadas maravalhas para mostrar que os romances d'este são influidos por Littré, e os romances d'aquelle são insuflados pelas theorias de Spencer. Com certeza, os romancistas alludidos ignoravam isto: estavam como o Jourdain de Molière que não sabia que fazia prosa.

Tornando à iniquidade, Silva Pinto sem tergiversações nem rebuço ridiculisou galhardamente a fórmula do realismo anguloso e escaivado como em Portugal o exercitam nos livros. Leia os *Realismos*, e reveja-se n'essa vassoura que varre o esterco das cavalharias de Augias. A Silva Pinto defendeu-o o seu diamantino escudo, a justa reputação de lingua de prata com uma liga de dynamite; ao passo que a mim, neophyto ingenuo da nova herezia litteraria, exterminam-me do adro do templo, como se eu entrasse no pagode e pozesse fóra o ídolo e os sacerdotes a pontapés de rhetorica obsoleta! Manhosas bestas!

Concluindo:

A pouca saude e as raras ferias de trabalho util não me permitem gosar folgadamente a vadiagem litteraria compatível e preiza a umas sabatinas de chalaça com o sr. Conceição. Se lhe apraz palhetear vitaliciamente comigo porque o tempo lhe sobra e as ocupações diárias o não impedem, e o cerebro lhe espuma muitos adjetivos sedicíos, eu talvez o não possa servir com uma profusão correspondente á sua fecundidade. Pode, todavia, contar comigo por estes dez annos mais próximos; isto é, se n'este transcurso de tempo, o sr. Conceição me não devorar. E nada mais natural, desde que elle, *pondo-me o dedo, me encontrou cheio de palha*. Isto já me aconteceu com outro individuo nas Alturas de Barroso, ha 28 annos. Deitei-me n'um palheiro de lavrador; e, como sentisse frio, embrulhei-me no feno; e vai n'isto, um macho que eu arreatára perto de mim, soltou-se; e depois de ter comido a camada de palha que me cobria, principiou a comer-me um braço, pondo-me primeiro o dente, visto que não dispunha do dedo do sr. Conceição, que me apalpou e conheceu a natureza graminea, comedível dos meus intestinos. Mas admittida a doce conjectura de eu não ser comido (*Deus me ajude e defendal!*) pôde contar comigo, dez annos, se se sujeitar a uma condicional suave.

Dispensou-o da syntaxe, da prosodia, da etymologia, dispenso-o até da orthographia; mas não o isento de vestir luvas quando escrever. Não imagina a influencia das luvas nas duas mãos do escriptor, ou nas quatro, conforme a sua especie, como se diz no Genesis. Confie nos dizeres de Hégésippe Moreau: *Comme des gants vous resfont un homme!*

Mas eu receio que o sr. Conceição a final se cance, porque não ha bestialidade que por muito estafada, de si mesmo se não enoe. *Omnis stultitia laborat fastidio sui.* E com este novo jacto obsoleto de velho frade quinhentista, adeusinho até outra vez.

S. Miguel de Seide, 7 de fevereiro de 1881.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

## LIVROS NOVOS

Offerecemos aos nossos leitores um capítulo interessantíssimo do novo livro *Fiandeiras*, devido á pena fecunda e conceituosa de Gomes de Amorim e editado por David Corazzi:

### A POESIA ATTRAE A PROSA

Eram horas de jantar; e o calor convidava a procurar as sombras dos arvoredos. Cada rancho foi para seu lado; e em breve as matas e bosques circumvisinhos se povoaram de alegres romeiros e de encantadoras romeiras.

Era vistosíssimo o quadro: os trajes variadíssimos e de mil cores, misturavam-se com o tapete florido que cobria a terra sob as abobodas de verdura. A população de muitas aldeias e villas achava-se ali reunida fraternalmente, comendo sobre a relva. Numerosos

carros, cada um com sua pipa de vinho, espalhados pelo immenso arraial, forneciam a materia prima... para a parte principal da romaria.

Fontes de agua deliciosa offereciam aos mais sóbrios os seus limpídos crystaes. Ao pé do adro, tocava ruidosa philarmonica de Braga ou de Barcellos. De todos os lados se ouviam cantigas ternas e apaixonadas, casando-se com os sons das violas e das rabecas. Maria Rosmaninha gosava, desde muito, a fama de cantadora insigne. Apenas os da sua companhia acabaram de jantar, pediram-lhe os rapazes, que folgavam de ouvir-a, para que cantasse algumas cantigas. Pedro de Laundes largou o pau no chão, pôz-se em pé, encostado ao magestoso carvalho, que os defendia do sol, e afinou a rabeca.

A Rosmaninha dispunha-se já para começar a cantar, quando souo ao longe voz melancólica, entoando esta cantiga:

«Das filhas que meu pae teve  
Eu fui a mais infeliz;  
As minhas irmãs casaram,  
Só a mim ninguem me quiz!»

Todas as moças do rancho olharam umas para as outras; e a Rosmaninha ficou muda. A voz saudosa continuou, em tom ainda mais apaixonado que da primeira vez:

«Ando triste como a noite;  
Nada me alegra o sentido.  
Ninguem sabe o bem que perde,  
Senão depois do perdido...»

— Formosas cantigas, com os diachos! — exclamou Manuel do Lameiro, que era de dar o seu a seu dono. — Estou capaz de jurar que é a voz da Rosa Estella, e mais nunca ouvi cantar aquella cachopa.

— É ella — afirmou a Rosmaninha, que tinha adivinhado outra vítima da seu antigo namorado. — É ella, de certo; e até ouço os sons da viola, que a acompanha.

Effectivamente, a cantadora sentimental era Rosa, que se aproximava com o seu rancho do sitio em que descansavam os do Lameiro. Joaquim Bento, que tocava viola com primor, caminhava ao lado de Anna. Esta vinha silenciosa e pallida.

Á volta de um comoro, coberto de carrasqueiras, os que vinham a entrar no arraial deram de face com os que estavam sentados. O carpinteiro encarou com Maria Rosmaninha, que se fez mais vermelha do que era; e voltando-se logo para Anna Estella, cantou acompanhando-se com a viola:

«Rosa branca, toma côn;  
Não andes tão desmaiada;  
Que eu assim mesmo te quero,  
Mais da que á rosa encarnada.»

Parece que o conselho foi a propósito, porque a Estella mais nova corou muito, e afastou-se sem responder. Maria Rosmaninha, julgando-se, com razão, provocada pela trova de Joaquim, encheu-se de audacia e cantou assim:

«Não sou roseira, nem rosa,  
Nem urze, nem alecrim,  
Nem cara que metta medo  
A quem já chorou por mim.»

O moço carpinteiro replicou logo:

«Menina do chapéu alto,  
Repare bem no que diz;  
Porque toda a gente sabe  
Que fui eu quem a não quiz.»

Maria, sentindo-se ferida e quasi humilhada, pela insolente declaração, replicou, todavia:

«Nevera no mar faltam peixes,  
Nem na terra faltam flores;  
Nem no céu faltam estrelas.  
Nem me hão de faltar amores.»

Pedro de Laundes, não gostando do rumo que as cantigas iam

tomando, intremetteu-se a tocar rabeca. E logo que o carpinteiro se calou, virou-se elle para a Rosmaninha, e cantou-lhe, parando a rabeca:

«Olhos pretos matadores  
Porque vos não confessaeis  
Das mortes que tendes feito  
Aos corações que roubáeis?»

A moça acudiu ao reclamo, respondendo:

«Se os meus olhos dessem morte  
Nunca nos teus os poria;  
Se elles fossem roubadores,  
Bem sei quem eu roubaria.»

Rosmaninha tirou o chapéo, que a affrontava, e collocou-se bem frete a frente com Pedro, na graciosissima attitude de improvisadora minhota. O rapaz, vendo-lhe o chapéo luxuoso, aproveitou-o para assumpto da sua inspiração, cantando:

«Quem me dera ter a dita  
Do chapéo que tens na mão,  
Para andar sempre contigo,  
Perto do teu coração.»

Joaquim fumegou como foguete de nove respostas, ouvindo cantar finezas taes ao chapéo, que, segundo era voz publica, lhe tinha custado a sua moeda de ouro. Julgou que a moça não replicaria; porém breve se desenganou. A cachopa, despeitada, por elle a ter desprezado, deixára em casa a timidez, e cantou corajosamente:

«Chapéo de moeda de ouro  
Ninguém o tem como eu;  
Hei de amar a quem me ama,  
Dar figas a quem m'o deu.»

Todas as vistas dos avelomarenses presentes se cravaram no carpinteiro. Este rugiu, como tigre mal ferido; e, atravessando o terreiro, formado pelos espectadores, foi collocar-se entre Pedro e Rosmaninha, e virando-se para a jovem imprudente, cantou com insolencia e desgarro:

«Chapéo de moeda d'ouro  
Aqui está quem t'o comprou;  
Mas com beijos e abraços  
O teu corpo m'o pagou.»

—Mentes, ladrão! Não me roubes o meu credito! — E a pobre moça suffocou-se em choro.

As violas e rabecas emmudeceram de espanto; viram-se alguns sorrisos em labios femininos, mas logo desapareceram. Pedro de Laundes ficou como assombrado pelo raio. Manuel Fernandes do Lameiro, alma grande e generosa, apesar da sua falta de instrução, avançou resolutamente para o carpinteiro, dizendo:

—Essa moça é minha criada, e ainda minha parenta: mas que não fosse uma cousa nem outra, bastava ser mulher, para eu me pôr do lado d'ella contra quem a affrontasse sem razão. Pede-lhe perdão, Joaquim. Não se injuriam d'esse modo cachopas bem procedidas!

Estas nobres palavras ecoaram nos corações de todos. O rude camponez dava assim optima lição de brio ao presumido carpinteiro, que já tinha viajado até Lisboa e não aprendera por lá senão o que viu de peior: a descortezia vilã e a insolencia da mentira. Envergonhado e corrido, Joaquim ia confessar o seu erro, quando Pedro de Laundes, tornado a si do espanto em que o pozera a provocação, empurrou Fernandes para o lado, e gritou, andando para o filho de Anna Benta:

—Perdoa, primo Manuel: eu não sou da tua opinião. Aos tratantes d'esta laia, costumo-os tratar assim.

E quebrou a rabeca na cara do carpinteiro, mais depressa do que o diabo esfrega um olho.

Joaquim, com o rosto ensanguentado, largou a viola e ergueu o pau; tambem com a rapidez do relampago. Pedro de Laundes era leve e já tinha o seu na mão, a tempo de aparar a pancada.

No mesmo instante levantou-se improvisada floresta de cacetes; e um temporal desfeito de pauladas sulcou a atmosphera. Manuel

Fernandes não teve tempo senão de gritar ao mulherio de Avelomar, que estava á vista:

—Ponham pés ao caminho, e não esperem por ninguem. Vae haver aqui o diabo!

Cuspin nas mãos, para segurar melhor o pau, e atirou-se, com o impeto generoso dos cavallos de raça em dia de batalha, ao meio da pancadaria, tomando logar ao lado de Pedro; que só tinha por si o mestre José alfaiate, contra oito ou dez amigos de Joaquim Bento.

Ao mesmo tempo que distribuia bordoada de cego, para todos os lados, gritava ao excellente Manuel:

—Rapazes! Parem; olhem que somos todos de Avelomar, uns contra os outros! O Pedro de Laundes é meu primo; e já tem a cabeça quebrada. O' Joaquim, basta! A culpa do barulho é só tua!

Joaquim respondeu-lhe com duas pauladas magnificas.

—Ah! elle é isso! Tu é que queres? Pois bem: então agora o verás, meu amigo!

E caminhou para a outro, de pau erguido, sem fazer caso de mais ninguem, abrindo caminho com os largos hombros, por entre a multidão. Já ia descarregar o cajado no carpinteiro, quando viu o homem alto, do milagre, correr contra este e bradar:

—Aqui, de Laundes!

Quinze ou vinte homens, com os paus ferrados, precipitaram-se sobre os de Avelomar; e o que parecia dirigil-os teria aberto, como se fôra abobora que cão do telhado, a cabeça de Joaquim Bento, se Manuel do Lameiro não aparasse a pancada.

—Os de Avelomar todos ao meu lado! — gritou Manoel. — Foge, Pedro, que eu já não sou por ti! Agora defendo os meus contra os teus.

Não foi preciso mais nada para pôr termo á inimizade dos avelomarenses entre si. Joaquim foi o primeiro que se pôz ao lado de Manuel, e os dois sós, unindo-se costas com costas, começaram a levar diante de si a multidão de Laundes.

Estes recuaram até em frente do adro da egreja. O povo fugiu todo; as vendedeiras de cerejas, bolos e regueifas desampararam os taboleiros, cestos e canastras. Os padres fecharam-se na egreja, não por medo mas por decoro; as pipas de vinho ficaram á mercê dos que vencessem; porque os donos as largaram para fugir. Tudo era gritaria, balburdia, resoar de pauladas, que parecia espadellada infernal.

Chegados ás grades do adro, os de Launde fizeram finca-pé, e gritaram uns aos outros:

—Aqui ninguem recua mais; agora, é avançar!

E avançaram como leões. O chão estava juncado de paus quebrados e tintos de sangue; mas ainda nenhum homem tinha caido. De repente ouviram-se toques de corneta.

Ahi vem a tropa! Ahi vem a tropa! Uma voz, com timbre secco e metallico, bradou ao longe:

—Escorvar e carregar!

Estas duas palavras produziram o efecto mais theatral que pode imaginar-se. Os combatentes desapareceram como por encanto. Em menos de vinte segundos ficou o terreiro vasio, e quando os soldados chegaram, a marche marche, não viram senão as mulheres que voltavam a buscar as suas canastras e cestos.

F. GOMES DE AMORIM.

\*  
\* \*

#### A PRIMEIRA CONFESSADA

Um romance moderno, moderno na accepção ampla da palavra, a ponto de intercallar pessoas authenticas, nomes conhecidos, este, aquelle, aquel'outro, com personagens fantasticos!

O merito principal da *Primeira confessada* consiste na naturalidade elegante com que se desdobram os lances e se cruzam os dialogos.

O que poderá parecer facil a muitos afastados, por felicidade sua, d'esta engrenagem das letras, isto é que se faça um livro, tal qual como se faz *un bout de causerie* nas mesas do Martinho, é exactamente o que ha de mais dificil na arte de escrever.

Alcançam-n'os raros talentos: conseguiu-o com extraordinario exito Gervasio Lobato.

Estão admiravelmente desenhadas, com um grande relevo moderno, com uma fina gradação de tintas garridas, proprias para colorir scenas naturalistas, occorridas em *boudoirs* impregnados de peccadilhos e de agua de Lubin, as physionomias da viscondessa dos Carinhos, de Bernardo e do Visconde.

Deve-se ao sr. David Corazzi a edição d'este romance interessantíssimo.

\*  
\* \*

Recebemos o primeiro numero do terceiro anno da *Bibliografia portugueza e estrangeira*, excellente publicação mensal, editada pela acreditada livraria Chardron.

O fasciculo, que temos á vista, contém artigos dos srs. Camillo Castello Branco, A. da Conceição, Padre João Vieira Neves, Castro da Cruz e outros.

\*  
\* \*

Annunciam-se dois livros novos de senhoras, duas estreias que denotam que o espirito da mulher portugueza acorda finalmente e prepara-se para attingir o ponto culminante da sua grande missão civilisadora e doutrinaria, livre dos preconceitos que a manietavam e da ignorancia humilhante que a desauctorisava. São esses dois livros, *Lâne*, de Victor Hugo, trasladado a portuguez pela sr.<sup>a</sup> D. Luiza de Andrade e *Mães e esposas*, estudo psychologico e moralizador, devido á pena de... de uma senhora que deseja conservar o incognito.

### ATRAVEZ DO BINOCULO

#### Theatro da Rua dos Condes

**Os FILHOS DOS TRABALHOS**—drama em 4 actos de Cesar de Lacerda.

O theatro da rua dos Condes tem explorado ultimamente, e sempre com bom exito, o reportorio vastissimo de Cesar de Lacerda, que poderia fornecer dois ou tres theatros.

*Os filhos dos trabalhos* subiram á cena em beneficio da actriz Amelia Vianna, que principiou n'este drama a assignalar de um modo distinto a sua vocação.

Exactamente como a *Probidade* e outras peças identicas, o drama de Cesar de Lacerda tem *les défauts de ses qualités*. Acção diluída, dialogos extensos como a legua da Povoa, no tempo em que as leguas não se dividiam em kilometros..., abuso de interjeições, logares communs guindados á altura de axiomas e inverosimilhanças encaixadas a *fortiori*.

Tirado isto, o que resta é optimo. O final do 2.<sup>º</sup> acto, em que um fidalgo qualquer, representando o dedo da Providencia, dedo que á força de puxarem por elle os srs. dramaturgos não tarda que se quebre, aparece de repente ao filho no proprio theatro de seus crimes (como se dizia d'antes), é de um graude effeito dramatico.

O melhor de todos os actos, porém, é o quarto, que condensa as paixões diversas que agitam os personagens em uma unica scena primorosamente architectada. Posser, que parece querer corrigir o exagero da gesticulação e o abuso da voz, que por vezes obscurecem totalmente o seu indiscutivel merito, interpretou excellentemente o papel do filho prodigo. Pinheiro, Faria e Guilhermina, discretamente. Silva sobresaiu dando um relevo hediondo a um personagem repulsivo.

Uma particularidade curiosa, quasi todos os personagens dos *Filhos dos trabalhos*, mesmo os virtuosos, são de uma indiscripção pasmosa, de sorte que o verbo *espreitar* é n'esta peça conjugado de varias maneiras e feitiços.

Eu espreito, tu espreitas, elle espreita...  
Usar-se-hia d'antes?

### RUMORES DOS PALCOS

O Paris das *premières* acaba de assistir, ou por outra acaba de decretar dois fiscos tempestuosos e até certo ponto inesperados. A *Nana*, de Zola, adaptada á scena por um actor muito conhecido, e a *Princesa de Bagdad*, de Dumas, que caiu ao som trocista do as-

sobio no dominio chinfrinante do trocadillo. O critico do *Voltaire* chama-lhe a princeza de *Blague-dad*.

Dumas dedica a peça, que já se acha impressa e exposta á venda, a sua filha. A dedicatoria contém estas palavras:

«Sé sempre uma mulher honesta; é o fundo de todas as coisas.» (*Princesa de Bagdad*, acto II, scena I.)

\*

Sousa Bastos segue para o Rio de Janeiro n'un dos paquetes de março. Leva, entre outras peças suas, destinadas exclusivamente ao imperio brazileiro, uma adquada ao esplendido panorama, pintado por Machado e Lambertini, a que está decerto reservado um grande successo no Brazil.

\*

Os bailes de mascaras no theatro de D. Maria, cuja decoração, destinada ao effeito, será inteiramente nova, annunciam-se cercados de prestigios e seduções.

Sabe Deus quantas peças de setim e velludo estarão sendo cortadas pela thesoura elegante de Cohen e quantos corações estarão sendo devorados de anciedade na perspectiva d'esses bailes, *great attraction*, que pedem, entre outras cousas, dominós caros, *costumes chics* e pés leves.

\*

A *Mascotte*, um dos grandes êxitos da actual época theatrical, em Paris, deu já aos Buffos a bagatella de 137:000 francos (réis 24:660\$000!).

\*

Amina Boschetti, uma célebre dançarina, que falleceu ha pouco em Napoles, deixou uma fortuna considerável em moveis, joias, propriedades, acções, etc. O seu testamento contempla todos os parentes e amigos, sem exceção de um unico!

\*

Ensaia-se em S. Carlos o *Hamlet*.

\*

O editor Chardron comprou por 40:000\$000 a ultima partitura de Offenbach. *Os Contos de Hoffmann*, serão pagos aos herdeiros de Offenbach e a Jules Barbier, auctor do poema, da maneira seguinte: 12:000\$000 á vista; 8:000\$000 em a noite da primeira representação; 10:000\$000 á quinquagessima e 10:000\$000 á centesima.

\*

Augusto Vacquerie, o auctor dos dramas—*Enterro da Honra*, o *Filho e Tragaldabas*, voltou a figurar no reportorio da *Comédie Française*.

Havia quinze ou dezeseis annos que aquelle escriptor não conseguia, ou porque não o tentasse, ou porque tentando-o encontrasse embaraços invenciveis, fazer representar nenhuma das suas peças. Ultimamente quebrou-se o encanto com a *reprise* de *João Baudry*.

Essa *reprise* teve todas as horas de uma primeira representação.

Na sala viam-se Grevy e sua familia, Victor Hugo, Augier, Dumas Filho, muitos senadores e deputados, jornalistas, artistas, emfim toda a gente que costuma comparecer em taes casos.

Os artistas da *Comédie*, que não tomaram parte no espectáculo, estavam todos nos camarotes de 3.<sup>a</sup> ordem.

\*

No Gymnasio, de Paris, deu-se ha pouco tempo a primeira representação da peça *Les braves gens*, de Gondinet. Os periodicos parisienses saudaram a apparição d'esta peça com grande entusiasmo, felicitando o auctor por ter afinal abandonado a collaboração em certas comedias, que, no dizer d'elles, não mereciam um escriptor de tão accentuadas qualidades. Como se sabe, Gondinet, desde a peça *Les grands enfants*, não escreveu nenhuma outra só com o seu nome. Entretinha-se em colaborar ou antes em retocar e concertar as comedias dos outros autores, que ás vezes precisavam mais do seu nome do que dos seus concertos. Mas a *première de Braves Gens* era esperada com anciedade, e na noite designada a

elegante sala do Gymnasio foi o ponto de reunião da fina flor da literatura. Subiu o pano e apareceu a comédia do escriptor, que parece destinado a substituir Labiche, tão prematuramente roubado aos palcos parisienses pela massadora immortalidade do Instituto.

O público de uma *première* em Paris é um público especial. É fóra de dúvida que, na maior parte dos casos, as peças que agrada ao Sr. Dumas Filho, ao sr. Augier e ao sr. de Saint-Victor, não são precisamente as que mais captivam o honrado comerciante, a endiabrada *cocotte*, ou a bella burgueza que tem no teatro outros pontos de vista. Mas, se estas últimas têm um só objectivo, *divertir-se, deleitando-se*, aquelas senhoras têm não só este, como o outro, que lhes é peculiar. Qualquer d'elles julga uma peça para si e julga-a também para o público. D'ahi o que se está dando com *Braves Gens*. O público não encontra na peça grande interesse e apenas sorri a um ou outro dito de espírito: — os litteratos afirmam que a comédia é muito bem feita e que o facto d'ella não agrada às massas, tem origem na boa fé do sr. Gondinet, que fez um drama em que há um grande numero de pessoas que não praticam o mal, mas supõem que haja quem o possa praticar. E abri está como tudo se explica e como o sr. Gondinet, o auctor de tantas comedias de grande exito, um escriptor tão conhecido, naufragou em um assumpto que parecia dever leval-o à terra da premissão.

\*  
\* \*

Uma syncope de Sarah Bernhardt, a mais extraordinaria de todas as grandes actrizes modernas, deu na *Phedra*, á platéa absorvente de Chicago, o comic e inesperado aspecto de uma invasão de sujeitos de fracs e chapéos altos, e alguns mesmo em mangas de camisa, caindo de repente em pleno scenario grego e destacando estranhamente os seus trajes modernos dos vestuarios antigos e românicos. Esses sujeitos, capitaneados pelo director do teatro, conduziram em seus braços a actriz desmaiada.

Foi ao som da orquestra, que encheu a lacuna de arcadas vibrantes, que Sarah readquiriu os sentidos, continuando em seguida a representação ao som de palmas e bravos calorosos.

### CARTEIRA DE UM FANTASISTA

MARGARIDA

És Margarida, creança?  
Ai, as pobres Margaridas,  
Quando o amor as alcança,  
Parecem pombas que voam  
Para o arco da aliança:

O arco cheio de cores,  
De luz, aromas, desejos;  
Onde voltaram amores,  
Saltando por entre as flores,  
N'um côro enorme de beijos.

Tens tambem a trança loura,  
As faces brancas e frescas  
E o olhar azul d'uma aurora,  
Suave, meigo, sereno:  
O olhar das virgens tudescas  
Feitas da espuma do Rheno.

Como eu gosto de te ver!  
É tão bom, tão delicado,  
Este gozo que se sente  
Vendo um encanto a mecher...  
Que até parece que a gente  
Está a sonhar acordado!

Com essa delicadeza,  
Sem que a noss'alma reflecta  
Sente-se, presa, rendida!  
Deus te abençoe a beleza,  
Que até é máu ser bonita  
Como tu és, minha vida!

Lisboa — 1880.

MARCELLINO MESQUITA.

### THEORIAS ELEGANTES

Esta secção, inaugurada hoje, corresponde a uma promessa que fizemos no primeiro numero das *Ribaltas*.

Propõe-se ella aperfeiçoar, no limite das suas atribuições, as condições do gosto e esmiuçar os segredos elegantes da arte de vestir, de comer e de viver, elucidando assim alguns leitores que possam não estar ao facto das variadas exigências da pragmática das salas.

Receberemos e responderemos da melhor vontade a quantas perguntas nos sejam a tal respeito endereçadas, devendo as cartas conter uma epígrafe que sirva de norma á resposta, publicada n'esta secção.

Assentando-nos hoje pela primeira vez no *fauteuil* azul (que nos oferece a empreza das *Ribaltas*) e tomando lugar *au coin du feu*, começaremos as nossas despretenciosas conferencias pelas luvas.

Devem ou não devem os donos de casa calçar luvas no acto de receberem os seus convidados para um baile em forma?

A menos que não tenham mãos posticas, ou suspeitas de que lavre entre as vizitas doença contagiosa, que se transmitta no *shake hands*, de nenhuma forma é permitido a um dono ou dona de casa calçar luvas, nem mesmo lhe é dado conservar as luvas guardadas na mão.

As pessoas que não desconhecem nenhuma das leis do gosto, no que elles possam ter de menos evidente e accessível, sempre que se lhe depara um dono de casa de luvas experimentam a tentação de lhe dizer:

«Perdão, naturalmente enganei-me; imaginei que o cavalheiro recebia esta noite; vejo que me enganei; v. ex.<sup>a</sup> sáe, não ha que duvidar!»

Fazem favor de me explicar para que calçam luvas?

Ah! já sei, para não ter frio nas mãos, para não sujar os dedos, para não crescer a pelle, para não aturar o contacto, nem sempre absolutamente nitido, da mão do proximo.

Afinal de contas a luva, e com isso muito folga o Baron e a Paladini, é indicada pela logica e pelo bom senso.

A' noite, quando se dança, é indispensavel a luva. Tudo isto é perfeito, é authentico, é indiscutivel, mas só para os de fóra.

Os donos da casa, que tenham as mãos encarnadas como uma lagosta ou pretas como o céo de Lisboa, ha um mez, hão de forçosamente patenteal-as na sua nudez sagrada.

As visitas, que calcem luvas ou não calcem, *ad libitum*.

Ha donos de casa que recorrem ao expediente engenhoso de esconder as mãos nas algibeiras da casaca, ou no rebuço do collete, outros enfiam-nas pretenciosamente pelo fundo da *claque*.

O melhor de tudo é saber *porter ses épaulettes* e ser natural e desaffectado, mesmo quando não haja possibilidade de possuir mãos bonitas.

RELAMPAGO.

### CARTEIRA DE UM FARCISTA

DOLORA

Fui visitar um meu amigo,  
e achei-o jovial!  
Elle, melancolico, taciturno,  
assobiava e ria,  
e até, lia um jornal!  
Da causa de um tal reviramento  
interroguei-o eu...  
Riu-se muito... abraçou-me  
e não me respondeu!...  
Sahi.—A' porta da escada  
disse, intrigado, á creada:  
Teu amo, que é que tem?  
— Ai! elle não lhe disse?...  
e nada percebeu...  
Foi a sogra...  
O que?...  
A sogra que lhe morreu!

A. Pitou.

### A CARTEIRA DE PRUDHON

Em pleno sarau burguez, da rua Augusta, desabam de repente dois conjugues, chegados no comboyo da manhã de Alhos Vedros. A dona da casa, dirigindo-se magestosamente ao encontro de Mathias de Jesus e D. Barbara:

— Então como tem passado? Já sei que estiveram esta manhã na passeio publico; que tal lhes pareceu?

D. Barbara, em sustento agudo:

— Lindo e muito *pythagorico!*

Espanto geral e risinhos das meninas Pimentas e dos seus *elles*.

Mathias, rubro como uma beterraba, acode:

— Tu queres dizer, menina, muito *pittoresco*.

D. Barbara, risonha e imperturbavel:

— Saiba o sr. que *pittoresco* e *pythagorico* é tudo *anonymo!*

Gargalhada geral.

Um caçador infeliz e desastrado, que debalde corre todos os dias montes e valles sem conseguir matar um pardal, apparece um dia radiante aos amigos, suspendendo uma lebre pelas orelhas:

— Pobre animal, diz-lhe um rapaz, conhecido pelas suas replicas deliciosas de *verve*, tão novo e já cançado da vida!

### ECONOMIA DOMESTICA

Em epocha de reuniões e saraus é bom que as donas de casa saibam preparar algumas bebidas, que é de uso servirem-se entre pessoas amigas.

O ponche faz-se da seguinte maneira.

Rasca-se a casca de um limão e junta-se-lhe um pedaço de assucar pilão, correspondente a meio kilo, ou então espreme-se sobre o assucar alguns pingos de limão e meio quartilho de infusão de chá verde, adoçado com calda de assucar. Espremem-se dois limões, extraindo-lhe de antemão as peliculas e mistura-se-lhe meio quartilho de aguardente ou rhum superior; queima-se, agita-se a chamma com a colher do ponche e logo que o liquido fique reduzido a duas terças partes, apaga-se o lume e serve-se o ponche quente em taças proprias para o efecto.

O ponche que se faz com vinho branco não se queima.

O de ovos, prepara-se deitando em uma vazinha o ponche já feito e uma gema de ovo: bate-se tudo junto e escaldá-se em seguida com agua a ferver.

### CHÁ

Toda a gente imagina que sabe fazer chá; o resultado é deleitarem as donas de casa esse encargo ao primeiro criado boçal que lhes apparece. Como se sabe, a maioria das ladyes preparam o chá e servem-o por suas proprias mãos.

O chá para ter um aroma agradavel e um sabor fino deve fazer-se misturando um terço de chá verde com dois terços de chá preto, mediante o seguinte processo: escaldá-se o chá em meia chavena de agua a ferver, e deixa-se de infusão por espaço de 5 minutos, deita-se no bule a quantidade necessaria de agua para o numero de chavens que se deseje e junta-se-lhe depois a infusão do chá.

### KIRSCH

O kirsch é uma especie de xarope que serve para fazer o ponche da maneira acima indicada.

Compõe-se do seguinte:

Assucar branco refinado, 5 kilogrammas.

Kirsch de 55 gráos, 2 1/2 litros.

Alcool 85 gráos, 10 centilitros.

Espirito de noz, 40 centilitros.

Sumo de limão, 1 centilitro.

As proximidades do carnaval, que suscitam o gosto dos saraus familiares, impõem ás boas *menageres* economicas o cuidado de organisarem o serviço, preparando as bebidas e doces por suas proprias mãos.

Offerecemos-lhe as seguintes receitas:

### CURAÇÃO

Tomam-se 12 laranjas, 3 limões, 12 litros de aguardente boa, ou cognac, 1 kilogramma de assucar e 3 litros de agua. Descas-

cam-se as laranjas e limões, tendo o cuidado de não lhes arrancar a pelicula. Deitam-se as cascas em uma garrafa grande de vidro, a qual se enche de aguardente. Vascoleja-se a garrafa e deixa-se abeberar por espaço de 15 dias, vascolejando-se o liquido ao menos uma vez por dia. Decorridos os 15 dias derrete-se o assucar em agua, côa-se o liquido, e deita-se-lhe o xarope. Preparado o licor, coloca-se em uma garrafa hermeticamente fechada.

Quinze dias depois, filtra-se o liquido e engarrafa-se.

### CRÉME DE ANIS

Tomam-se 100 grammas de anis em grão e 4 litros de aguardente de 21 gráos. Deixa-se de infusão por espaço de seis dias, e côa-se em seguida, juntando-lhe 2 kilogrammas de assucar derretidos em 2 litros de agua. Deixa-se abeberar alguns dias até que o licor tenha adquirido a transparencia, e filtra-se depois. O licor de anis é tão agradavel como hygienico.

### PASSATEMPO UTIL

Pegue-se em uma castanha crua, ate-se a uma linha preza a um juncos e suspenda-se verticalmente sobre um copo de agua, de maneira que a castanha toque apenas a superficie do liquido. Guarde-se o copo em um armario, durante o tempo suficiente para a castanha poder germinar na obscuridade; em seguida colloque-se o copo sobre um *gueridon*, onde o despontar das raizes, da haste e das folhas constituirá um delicioso passatempo, especialmente para as crianças, que receberão assim inconscientemente uma lição pratica de botanica.

### INDICAÇÕES UTEIS

Mais um estabelecimento elegante é o que os srs. Antonio Ignacio da Fonseca & C.<sup>a</sup> abriram na Praça de D. Pedro, 15 e Largo da Rua do Príncipe, 6 a 10. É uma exposição importantissima de machinhas de coser da mais alta novidade e todos os pertences concernentes ás mesmas.

Recomendamos esta casa aos nossos assignantes.

### ERRATA

No primoroso artigo bibliographico do sr. Camillo Castello Branco inserto no n.<sup>o</sup> 6 escaparam, entre outros, dois erros de revisão. Onde se lê «*theosis*» leia-se «*theosis*» — onde se lê «*pincel*», leia-se «*pineal*».

### HISTORIA DE UM GATO PRETO

#### 4.<sup>o</sup> SONETO

Falla o aguadeiro.

«Baia» que demo!... Excommungada gata  
Que dêste á luz um bicho «tam» ruim!...  
Um negro bicho que esfarrapa assim  
As lindas «buxigangas» d'óiro e prata!

Se te pilho, te ponho em riba a pata,  
Até lá «bida» te chegar ao fim;  
Pois «non» faz crime (entendo eu cá para mim)  
Quem um «malbado» tam graudo mata!

Depois saco-lhe a pel' — que hade ser bella  
Encho-a de «bento...» e lá p'r'o fim do mez  
Uma gaita de folles faço d'ella...

E, para lhe atrair muito freguez,  
«Bou» modinhas tocar da Redondella  
Á porta do Moreira, ao 103.

(Agora canta o pae).